

# **A PRÁTICA DA LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR**

**MOURA, Izalene Cruz de**  
izalenne@hotmail.com

**SANTOS, Janeluce Costa dos**  
pequeninalucecriativa@hotmail.com

**SANTOS, Silvânia H. Andrade dos**  
Silvaniaandrade\_7@hotmail.com

**BERGER, Maria Amália Façanha. (Orientadora)**  
Graduada em Letras Português/Inglês, Mestre em Educação, Prof<sup>a</sup> do curso Letras-  
Português da Universidade Tiradentes – UNIT.  
[amaliafberger@yahoo.com.br](mailto:amaliafberger@yahoo.com.br)

## **RESUMO**

Este artigo científico tem como objetivo identificar e analisar questões conflitantes em relação à leitura, através de uma pesquisa teórico-bibliográfica. Em um primeiro momento, abordaremos a história da leitura, as dificuldades, o esforço e a superação alcançada a partir do século XVIII. Em seguida, a partir do conceito de leitura, enfocaremos os problemas enfrentados e como o leitor se posiciona, com o intuito de reforçar o quanto a leitura influencia e estimula seus leitores a entrarem em um mundo mágico, fantástico e também real. Nesse sentido, uma reflexão a respeito das propostas apresentadas pelos PCN de Língua Portuguesa foi feita, pois entendemos que a educação deve caminhar buscando despertar o interesse de novos leitores e dos já experientes. Entendemos, portanto, que o professor tem papel fundamental na formação de leitores, desde que utilize, com sabedoria, estratégias eficazes na formação de leitores críticos, exigência cada vez maior de nossa sociedade globalizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, leitura, leitores críticos, PCN.

## **1. Introdução**

A aprendizagem de uma habilidade tão complexa quanto a leitura depende de uma série de fatores que, funcionando de maneira integrada e interdependente, tornam possível tal aquisição pelo leitor. Discutir e desenvolver as diversas atividades de reflexão, de ação e de avaliação referentes aos problemas da leitura é uma prática adequada a todos aqueles que vivem a experiência de motivá-la.

Portanto, é fundamental abordar um projeto de leitura cultural que remete à democratização social e cultural, que remete a escola ao papel e à responsabilidade de garantir a todos os alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários, ao exercício de cidadania, como direito de todos.

Dentro dessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar questões referentes ao estímulo de atitudes e práticas pedagógicas que levem a um tipo de ensino que enfoque o interesse permanente pela leitura através da formação de leitores.

Diante dos pressupostos analisados, fruto de pesquisa teórico-bibliográfica, investigaremos os seguintes tópicos: a deficiência da leitura na sala de aula, a utilização da leitura como meio de incentivo para a melhora intelectual do indivíduo, e o estímulo da prática da leitura tendo os pressupostos dos PCNs como base.

## **2 – UM POUCO DA HISTÓRIA DA LEITURA**

Quando se fala em leitura, pensamos logo em codificação de um enunciado de palavras que são decifradas também através de símbolos, figuras. No entanto, ler é decifrar e interpretar o sentido do que está sendo dito, de reconhecer, perceber e indagar.

Ler com fluência significa não apenas identificar as palavras automaticamente, mas com velocidade e ritmo que evidenciam e facilitam a compreensão. Portanto, o ato de ler é um exercício através do qual é estimulada a criatividade e que oportuniza o raciocínio do aluno.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 2002, p.77).

A leitura é um encontro entre um indivíduo e um texto, em que o leitor começa a expor suas interpretações, significados e até mesmo a escrever, pois quando a criança lê, ela começa a enxergar o mundo com outros olhos. A leitura exige muito mais do que a soletração de palavras. O leitor deve relacionar os conteúdos com as suas experiências, agindo e reagindo em relação ao que lê e ler para além das linhas é essencial.

A história da leitura consiste na história das possibilidades de ler, consolidando, assim, o afastamento do homem comum da cultura oral, revelando a natureza de sua ação, colocando o ato de ler como um ideal a ser perseguido, apresentando ao não leitor a visão de um mundo civilizado.

A história da leitura tem uma caminhada marcada pela dificuldade em ser amplamente e eficazmente posta em prática e “A leitura antiga é leitura de uma forma de livro que não tem nada de semelhante com o livro tal como o conhecemos, tal como o conhecia Gutenberg e tal como o conheciam os homens da Idade Média” (CHARTIER, 1999, p. 24).

Foi no século XVIII que a leitura começou a incorporar as marcas antes descritas, evidenciando definitivamente porque se trata de uma atividade definida por sua faceta social. As mudanças causaram transformações de dois tipos, a primeira de orientação tecnológica, a segunda, institucional.

Não foram poucos os textos que, ainda no século XVIII, se viram na condição de perseguidos e discriminados. Enquanto fator social, a leitura foi julgada positiva e necessária; mas, enquanto virtual, como instrumento de acesso a um material indesejado, as chamadas “más-leituras”, ela foi criticada, censurada e proibida.

Foi o livro de bolso que deu início a multiplicação da leitura, tanto prendendo a atenção dos leitores que estavam distantes da cultura da cultura dos livros, com também incentivando ainda mais aqueles que liam.

A multiplicação dos livros é garantida, primeiro, pela invenção de Gutenberg, segundo, no século XIX, pela industrialização da atividade gráfica e, enfim, no século XX, pela multiplicação das tiragens graças aos livros de bolso. Diante dessa multiplicação, há aqueles que estão em condições de dominá-la porque sua cultura e os instrumentos que ela construiu permitem orientar-se racionalmente nesse mundo prolífico, e aqueles que, completamente desarmados diante desta profusão, fazem as más escolhas e são como que asfixiados ou afogados pela produção da escrita. (CHARTIER, 2002, p.110).

Com o passar do tempo e com as novas exigências e necessidades da sociedade moderna, a forma como a leitura é entendida toma diferentes proporções, conforme representado a seguir:

A Revolução Industrial trouxe a exigência de escolaridade para todos, e a Revolução Tecnológica do século XX exige a formação de um novo homem. Não mais um profissional semi-analfabetizado que dê conta de operar mecanicamente uma alavanca nas frentes de produção em série. As máquinas sofisticam-se e as funções daqueles que as manipulam diversificam-se em novos saberes: é necessário interagir com a máquina, inserir dados, reagir conforme as etapas do processo, realizar a correta leitura dos elementos apresentados, ter agilidade mental para interferir com rapidez e no momento exato (MARIA, 2002, pág. 15).

Graças a esses fatores, entende-se a leitura como um processo de reação individual para que se verifique uma relação operante entre o leitor e o texto. O conceito de leitura, quando examinado seu modo de articulação social e ideológica, se desloca ao objeto ao qual ela dá acesso: o livro.

### 3 – A COMPLEXIDADE DO ATO DE LER

Aprender a ler é construir-se a natureza e as funções do texto; compreender que a leitura e a produção de textos é um processo de construção de conceitos; construir estratégias cognitivas de acordo com a necessidade de cada situação; praticar a língua em situações reais de uso, depois observá-la; aprender a “questionar” qualquer texto em função de suas necessidades. A leitura está ligada à necessidade do indivíduo de agir, intervir, e também, de expressar a afetividade e outras questões inerentes às relações sociais.

Ora, a leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa; e a exploração de experiências as mais variadas, quando não as podemos viver realmente. Por meio da leitura, num ato aparentemente solitário, podemos nos cercar de paisagens e pessoas, podemos nunca estar sozinhos, podemos dialogar com meios sociais e geográficos muito distantes do nosso, podemos dialogar com passados remotos e vivenciar experiências de outros momentos históricos (MARIA, 2002, p.25).

A leitura declara em seu íntimo uma viagem a vários mundos, através dela o leitor desenvolve um senso crítico transformador caracterizando seus pensamentos, tornando, assim, simples o processo de aproximação e de significado.

Para que se tenha uma visão mais geral do que vem a ser leitura e sua dimensão, conceitos de leitura abordados por Richard Bamberger (2002), em *Como Incentivar o Hábito de Leitura*, e outros autores foram analisados e, em sentido amplo, definem o ato de ler como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto.

Ratifica, ainda, o mesmo autor, a definição acima quando diz que “[...] num nível mais elevado e com textos mais longos, a leitura torna-se significativa mediante a compreensão das relações, da construção ou da estrutura a interpretação do contexto” (BAMBERGER, 2002, p. 10).

Lúcia Fulgêncio (2004, p.14) vê a leitura como “um resultado da interação entre o que o leitor já sabe e o que ele retira do texto” e para Jean Foucambert (1994, p.5) “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo” e continua afirmando que “[...] certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”(idem, ibidem).

Mas o que é ler? O dicionário Aurélio (1986, p. 1019) registra: “ver o que está escrito, decifrar, interpretar um texto por meio de leitura; compreender o que está dito através dos sinais gráficos; tomar conhecimento do conteúdo de um texto pela leitura; reconhecer a mensagem do texto”.

Em seu conceito amplo de leitura, Freire (1998, p. 11) também se refere a uma compreensão crítica do ato de ler, “[...] que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa do mundo e se alonga na inteligência”.

Para Kato (1985, p. 87) “[...] a leitura pode ser entendida como um conjunto de habilidades que envolvem estratégias de vários tipos”. Essas habilidades seriam: a de encontrar parcelas significativas do texto; a de estabelecer relações de sentido e de referência entre certas parcelas do texto; a de estabelecer coerência entre as proposições do texto; a de avaliar a verossimilhança e a consistência das informações extraídas; a de inferir o significado e o efeito pretendido pelo autor do texto.

Em todas as definições citadas acima, desde a mais simples às mais complexas, encontra-se, implícita ou explicitamente, um ponto em comum: a compreensão. Então, parece que, para caracterizar a leitura, tem-se que começar por definir compreensão, os seus mecanismos e o modo como ela opera em se tratando de leitura, visto ter sido evidenciado que “a leitura torna mais significativa a compreensão das relações da construção ou da estrutura e a interpretação do contexto” (BAMBERGER, 2002, p. 10).

Por muito tempo vigorou, principalmente no meio escolar, o entendimento de que compreender um texto consistia tão somente detectar idéia principal e responder a questões de compreensão. Enfatizando esse procedimento, acrescenta Bamberger (idem, p. 66-67) “no que se refere à compreensão, o aluno deve responder a um questionário por escrito, onde as respostas todas devem ser retiradas do texto, pois estão claramente aí expressas”.

Um dos pioneiros no processo de concepção contemporânea em leitura, Freire (1998, p. 47) entende que “[...] a leitura do mundo precede a leitura escrita e a palavra”. O autor coloca que é impossível separar a palavra do pensamento; para ele, toda leitura da palavra leva a uma re-leitura do mundo e, daí, à escritura do mundo.

Freire entende a leitura como uma forma de “escrever o mundo, de transformá-lo”, algo que introduz como fator indispensável, tanto para a leitura como para a compreensão da mesma, o já citado, significado, ou seja, o contexto. Para o pedagogo, “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (idem, p. 12).

Todos esses autores mencionados apresentam indicações preciosas sobre os problemas que fazem ou impedem a competência de ler e até mesmo de escrever. A leitura, a compreensão e o contexto, em outras palavras, são o mesmo que abranger o homem e todas as suas manifestações lingüísticas, e que se pode observar, tanto por parte das abordagens cognitivas quanto das lingüísticas, embora devem ser fenômenos vistos sob um mesmo prisma, já que o lingüístico (palavras) e o cognitivo (pensamento e conhecimento) mantêm uma relação tal, muito bem descrito por Vygotsky (1988).

A relação entre pensamento e a palavra não é uma coisa, mais um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa. Nesse processo, a relação entre pensamento e a palavra passa por transformações que em si mesma, podem ser

consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. Cada pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ela passa a existir. Assim, cada pensamento se move, amadurece e desenvolve, desempenha uma função, e soluciona um problema.

Para Barquero (1988, p. 54) “a leitura nunca é mera decodificação mecânica. Nos momentos em que a decodificação dos signos está presente, a leitura vem impregnada de sentidos e predomina sobre o significado da palavra”. As mudanças de sentido não atingem estabilidade do significado. Segundo o mesmo autor, as palavras obtêm seu sentido no contexto do discurso; mudando o contexto, varia o sentido da palavra.

Segundo Toro e Cervera (1990) “a leitura oral é um conjunto de respostas verbais articuladas, emitidas seletivamente ante um conjunto de estímulos visuais constituídos pelo que chamamos de letras, sílabas, palavras ou textos”. Se a resposta verbal é sistematicamente, correta, e, se diante dos elementos gráficos emite sempre um som, é que os estímulos visuais em questão (os elementos gráficos) são alcançados junto com o poder de controle sobre aquela resposta verbal.

Aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

#### **4- O ENSINO DA LEITURA E SEUS DESAFIOS**

O ensino da leitura, bem como a leitura propriamente dita, é um processo complexo que modifica o caráter que certos estímulos visuais têm para o sujeito, ou para certas respostas do sujeito, influenciado pelos significados e significantes estruturados ao longo do processo de aquisições inter e intra-sócias. Esse processo farto e complexo atravessa varias fases e momentos.



Na leitura, os estímulos visuais implicados deixam de ser neutros, o que ocorria antes de aprendermos a lê-los para passar a ser discriminativos. A ansiedade, por outro lado, pode desorganizar os comportamentos instrumentais da criança, inclusive os adaptados, por exemplo, os aspectos corretos de sua leitura, o comportamento em sua classe, etc. Enquanto que, por outro, põe em marcha às condutas de evitar conseqüências.

Em qualquer caso, a influência interpessoal é inevitável nas primeiras fases do aprendizado da leitura. Existem outros estímulos que também resultam como significativos, entre eles, as diferenças ou semelhanças existentes entre o nível médio da leitura alcançando pelo grupo e o conseguido por uma criança que está à margem da situação escolar, etc.

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas idéias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral. (Antunes, 2003, p. 70).

Assim, uma criança que já aprendeu a lidar com a leitura (enquanto conduta simplesmente articulada) terá essa prática reforçada e controlada pelos reforços sociais e pelo significado na mesma função de grau de aquisição de todas as complexidades próprias da linguagem oral.

Quando o nível de linguagem é adequado, imagens e emoções provocadas pelo que se lê, são capazes de reforçar intermitentemente a conduta leitora. Além disso, a leitura fica facilitada pelo conhecimento das palavras e corrente de palavras (locuções), usuais na linguagem, que diminuem assim o número de fixações visuais precisas para ler e compreender.

Por conseguinte, a chamada leitura mecânica não é mais do que a leitura controlada exclusivamente pelos aspectos físicos, gráficos e visuais do texto. A leitura compreensiva, observada neste estudo, supõe que a leitura, assim como as outras condutas imediatas ou mediatas do assunto, estão determinadas pelos significados do contexto e acontece a partir das relações inter e intra do sujeito.

Devido ao seu grau de importância na formação intelectual do cidadão, é necessário que se estimule o hábito da leitura, não apenas como prática pedagógica, mas de expressão de idéias e pensamentos.

Contudo, existem vários tipos de comportamento que preocupam os profissionais, principalmente os educadores; pode-se destacar: a falta de interesse em incentivar a aluno a ler, bibliotecas sem acervos didáticos para estimular o aluno, inexistência do dinamismo na hora da leitura por parte do professor, a falta de organização do conteúdo e materiais didáticos, agressividade, falta de compreensão, condições da escola, condições emocionais e culturais do aluno e do professor e até mesmo os meios de comunicação, principalmente a televisão que se transforma num todo-poderoso instrumento que aos poucos aniquila a vontade ler textos escritos, ocupando todo o tempo da criança.

Além dos problemas já citados, podem-se acrescentar problemas ainda maiores, classificados como: DDAH (Desordem do Déficit de Atenção com Hiperatividade), em que os portadores são geralmente crianças inteligentes, que não conseguem ficar paradas e quietas por muito tempo; disfasia, a criança se impossibilita de emitir verbalmente seu pensamento; afasia, perda da linguagem que já adquiriu; ecolalia, repetição de palavras ou de frases inteiras; mutismo eletivo, a criança tem receio de falar em algumas situações; dislexia, dificuldade para a aprendizagem da leitura, podendo persistir até a fase adulta; discalculia, dificuldade de interpretar outros símbolos, principalmente na matemática; dentre outros. Em relação a toda essa problemática,

A personalidade do professor e, particularmente seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças; sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce. [...] o exemplo e a imagem do professor exercem grande influência nos primeiros anos de escola (BAMBERG, 2002, p. 65).

Infelizmente, o treinamento do professor no período de sua formação e quando já no exercício da profissão, na maioria dos países, não dá ao papel desempenhado pela leitura a mesma atenção que dá ao ensino da escrita apesar de ambas caminharem juntas. A escrita toma todo o tempo, enquanto a leitura é vista como uma atividade extra na aula que, normalmente, acontece, quando os alunos terminam a lição, ou quando sobra tempo. A leitura precisa ocupar horário “nobre” da aula, o professor precisa viabilizar tempo para a leitura.

Nem sempre os professores estabelecem boas relações com os livros e com a leitura; há alguns que afirmam que não gostam de ler; outros que não vêem a leitura como lazer; outros que as poucas leituras que fazem são quase que, exclusivamente, para a preparação das aulas. Se o professor formador de leitores não tem o gosto pela leitura, como irá despertar o interesse dos alunos pelo prazer de ler?

Talvez, esse professor não tenha tido oportunidades de se tornar um bom leitor na sua fase de escolarização ou profissionalização; além disso, outros fatores como condições salariais ou de trabalho, falta de infra-estrutura, pouco ou nenhum tempo para ler, contribui negativamente para a má formação do professor-leitor.

Mas se os professores não forem leitores, dificilmente poderão compartilhar com seus alunos os mistérios, encantos e alegrias que se podem alcançar pela leitura. É de suma importância, que o professor incentive o gosto pela leitura, para que a sociedade tenha seus indivíduos como sujeitos da sua história, homens e mulheres que façam cultura e que impulsionem a transformação, fundamentos em princípios humanos de liberdade e solidariedade.

Os hábitos se incorporam melhor se têm como base modelos de comportamento tirados do meio, ‘ideais’ apresentados pelos espelhos formadores do indivíduo, ou seja, pais e professores. O hábito é um dos resultados mais importantes da socialização.

Ler diariamente para os alunos é uma atividade imprescindível para criar-se o hábito de leitura. Ler para a transformação, para a consciência social, para a mudança social. A leitura só despertará interesse quando interagir com o leitor, quando fizer sentido e trazer conceitos que se articulam com as informações que já se tem.

Logo, compete ao professor leitor fazer a “leitura” da sala de aula, como se fosse um texto a ser compreendido. Se, na leitura de texto necessitamos de estratégias ou instrumentos auxiliares de trabalho, também para a leitura da classe precisamos observar, intuir, imaginar a realidade de cada aluno, suas condições sociais, culturais e econômicas para , então , o educador ser capaz de interagir , intervir e construir criticamente o conhecimento.

Ao professor cabe estar atento à diversidade cultural dos alunos, sem preconceitos ou atitudes que possam prejudicar o processo criativo entre o aluno e o texto. Quando pretende formar leitores o educador deve estar disposto a criar expectativas de leitura, antecipar sentidos, mudar, transformar, adaptar e enriquecer a sua prática educativa.

Portanto, na formação de leitores, é imprescindível que o educador domine as diferentes estratégias de leitura, desenvolvendo assim mais e mais processos de comunicação ricos, interativos e profundos, quando se desenvolvem na aula, incentivos e sentidos à leitura, estamos contribuindo profundamente para a formação de leitores.

## **5 - A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E OS PCN**

O domínio da leitura é fundamental para a participação social efetiva. É importante proporcionar aos alunos o acesso a informações.

Discussão é a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e

escritos. É, pois, esse núcleo que deve constituir o ponto de referência, quando se quer definir todas as opções pedagógicas, sejam os objetivos, os programas de estudo e pesquisa, seja escolha das atividades e da forma particular de realiza-las e avalia-las (ANTUNES, 2003, p. 42).

É por meio dela que cada um construirá seu exercício à cidadania, comunicando, expressando e defendendo seus pontos de vista; resultando na exposição verbal dos conhecimentos. Diferencia, no entanto, a interação de cada leitor correspondendo aos seus conhecimentos sobre o assunto em questão, interesses e os seus objetivos pelo qual ele ler: “A leitura envolve diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a leitura” (ANTUNES, 2003, p. 77).

Pode-se atribuir então a leitura por prazer, para tirar dúvidas, para ampliar conhecimentos, enfim, dependerá da dedicação do aluno leitor e do seu interesse pela leitura. Caberá ao professor estimular a linguagem oral como seu compromisso prioritário, no entanto, não será ele exclusivamente o responsável, por isso, a importância da interdisciplinaridade.

O respeito aos diversos níveis de linguagem deve existir desde a norma culta, como a coloquial, regional e até mesmo a gíria, entre outras. O fato é que o aluno traz para a escola suas diferenças lingüísticas de modo que precisam ser respeitadas, estimuladas e valorizadas.

A leitura como função social deve proporcionar aos alunos os seguintes pontos: ler para informar-se, para desenvolver problemas e encontrar soluções do cotidiano, para divertir-se com jogos, estudar, escrever, rever e revisar sua própria produção.

A leitura não se restringe apenas no ato de ler o que está escrito, mas, também de interpretar as linguagens da criança, do artista, do corpo, da História, da Geografia, da Matemática, enfim, do globo interdisciplinar existente no mundo a que pertence o aluno.

Enfim, a busca da integração social da leitura percorre rumos incríveis, o fato é que de geração a geração, as linguagens são diferenciadas com o tempo. À proporção que cada falante progride, segue junto com ele mudanças que variam e se integram.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs), buscam promover reflexões que tragam um nível de qualidade ao ensino básico, não apenas como medida através do rendimento escolar, mas, principalmente, na capacidade de formar cidadãos aptos para viver na sociedade. O documento traz uma reflexão a respeito da leitura como foco principal, desenvolvendo um caráter gradativo e podendo ser estendido não só na disciplina de Língua Portuguesa, com também, nas outras disciplinas; sugerindo a abordagem de novas questões e abrindo a possibilidade para a integração dos alunos ao trabalho, ao convívio com a comunidade e ao exercício da cidadania.

Sabe-se que os PCNs são orientações, sugestões adaptadas por professores à realidade dos alunos, idéias trazidas por eles para servirem de inspiração para a prática em sala de aula, para ajudar a ampliar os seus conhecimentos, mas acredita-se também que essas proposições possam incentivar o uso do planejamento escolar, em reuniões com os pais de alunos e na organização, com todos os professores em atividades que possam ser atribuídas pelo maior número possível de disciplinas.

Segundo os PCNs, “o trabalho de leitura em sala de aula deverá ser calcado na explicitação de expectativas quanto à forma e ao conteúdo do texto em função das características do gênero, do suporte, do autor, etc” (PCNs, pág. 23, 2000).

Cabe à escola mostrar ao aluno a utilização da linguagem oral em diversas situações, como por exemplo, planejamento, debate, seminário, dramatização, pesquisa, entrevista, dentre outros. Com isso, a aprendizagem de procedimentos eficazes tanto na fala quanto na escrita, tornar-se-á difícil se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la, conforme a reflexão a seguir:

Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, é preciso, conforme os PCNs de Língua Portuguesa, selecionar, para as aulas, textos que, por suas características e usos, favoreçam a reflexão crítica, o exercício de formas de

pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (PCN, 2000, p.65).

É de suma importância que a seleção dos textos para leitura em sala de aula seja feita também pelos próprios alunos. “Um texto só vive pela valorização de sentido que o leitor ali introduziu e, muito embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade, o texto quer deixar ao leitor uma certa iniciativa interpretativa” (PCN, 2000, p. 37).

Ao ensinar Língua Portuguesa, o professor, sem dúvida, assume para si a responsabilidade de contribuir e assegurar aos alunos que eles têm o acesso aos saberes da fala e da escrita, informando que eles são competentes ao interpretar e criar vários textos em diversos momentos.

Portanto, é a partir dos objetivos de leitura e do constante confronto entre o conhecimento prévio do leitor e os dados do texto que se constrói o sentido, que se processa a compreensão. Sendo assim, ao realizar uma leitura com fins específicos e ao procurar adotar os diferentes níveis de leitura, o leitor estará a caminho não só de um melhor desempenho no que se refere à compreensão de um texto, como também estará desenvolvendo sua capacidade de produção textual, na medida em que as atividades de leitura e escrita são essencialmente processos similares de construção do significado (PCN, 2000, p. 43).

Desta maneira, pode-se acreditar que os objetivos de leitura são importantes e possíveis na tentativa de construir um futuro e desenvolver competência e habilidades na área de educação. O objetivo do trabalho com a leitura é a formação de leitores informados e competentes; portanto, ainda de acordo com o documento em foco:

formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos” (PCN, 2000, p. 54)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É fator importante mostrar ao aluno vários textos que envolvam diferentes possibilidades de interpretação para que a prática da leitura torne-se bastante relevante. Se o que se quer realmente é formar cidadãos capazes de compreender vários textos e de se expressarem com propriedade, é necessário que o planejamento pedagógico seja organizado de maneira que o aluno consiga vivenciar as diferentes modalidades de leitura.

Os PCNs de Língua Portuguesa, nesse sentido, desafiam o professor a promover junto ao aluno estratégias adequadas de leitura no sentido de se atingir uma melhor compreensão do texto, levantando hipóteses, verificando suposições em relação ao significado do que leram; enfim, refletindo criticamente e interagindo socialmente.

Concluindo a presente análise, ressaltamos que a escola tem a responsabilidade de garantir aos alunos o domínio da linguagem, pois ela é a principal via que dá acesso a uma vida social plena, uma vez que a língua é uma forma de comunicação necessária para o exercício da cidadania, pois amplia as possibilidades de partilha de informação e conhecimento. A escola deve, portanto, ajudar os alunos a adequarem suas falas aos diferentes contextos diários, estimulando-os a participar de situações de intercâmbio oral, expondo suas experiências, sentimentos, opiniões e lidando com informações presentes em seu dia-a-dia.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAMBERG, Richard. Como Incentivar o Hábito da Leitura. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BARQUERO, Ricardo. Vygotsky e a Aprendizagem Escolar. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRITO, Eliana Vianna (org). PCNs de Língua Portuguesa: a Prática em Sala de aula. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- CHARTIER, Roger. A Aventura do Livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- FOUCAMBERT, Jean. A Criança, o Professor e a Leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- \_\_\_\_\_. A Leitura em Questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.



FULGÊNCIO Lúcia, LIBERATO, Yara Goulart. Como facilitar a Leitura: Como se processa a leitura, orientação para textos didáticos, aspectos discursivos. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JOLIBERT, Josette. Formando Crianças Leitoras. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KATO, Mary A. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 2003.

LAYOLO, Marisa. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARIA, Luzia de. Leitura & Colheita: livros, leitura e formação de leitores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.